

O “NÃO” DE DEUS, SINAL DO SEU AMOR



“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” (Isaías 55:8-9)

“É para disciplina que sofreis; Deus vos trata como a filhos; pois qual é o filho a quem o pai não corrija?... Na verdade, nenhuma correção parece no momento ser motivo de gozo, porém de tristeza; mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos que por ele têm sido exercitados.” (Hebreus 12:7,11)

Todo pai sabe que no processo de educação dos seus filhos, chegará um momento em que ele terá que impor certo limite aos mesmos. Isso implicará em ter que dizer em muitos momentos, “não” aos seus pequeninos. Diante dessa inevitável postura por parte dos pais, os filhos – que não conseguem digerir esse “não” recebido – ficam muitas vezes com raiva dos seus pais, achando que eles não os amam e que só pensam em “cortar o barato” dos prazeres que a juventude. Alguns choram, outros fazem birra e há ainda aqueles que até deixam de falar com os pais por certo período de tempo.

O que os filhos muitas vezes não entendem é que, quando o pai diz um “não”, não é porque ele sente prazer em frustrar o seu filho, mas o contrário: o desejo do pai é sempre agradar o filho de todas as formas possíveis afinal, o pai se satisfaz com a satisfação do filho. Mas existem momentos em que isso não é possível; há situações em que se o pai disser “sim”, o filho colherá como resultado desse “agrado” algo que será prejudicial a ele, exemplo: se o pai permitir que seu filho pequeno brinque com uma faca de lâmina afiada, só porque o garotinho adorou essa idéia, poderá colher em seu lar uma tragédia de grandes proporções.

Sendo assim, o “não” que o pai muitas vezes diz ao seu filho não é um sinal de que ele deixou de amar o seu pequenino e não lhe quer mais bem, mas justamente o contrário: **o “não” do pai revela, acima de tudo, o amor que ele nutre pelo seu filho**, a ponto de preferir conviver com a ira e a incompreensão momentânea do garoto, do que permitir que ele faça algo que venha se arrepender no futuro. O nosso Pai Celeste atua da mesma forma conosco.

A disciplina que muitas vezes Deus efetua em nós deve ser vista não como um castigo de um pai incompreensível, mas como uma expressão do infinito amor de um Pai que é a própria personificação do amor. Como nos ensina o autor de Hebreus, quem ama corrige, educa e disciplina.

Na maioria das vezes nós não aceitamos o processo pedagógico de Deus porque ele muito acima da nossa capacidade de compreender os planos de Deus em sua plenitude. Através do profeta Deus afirma que os nossos pensamentos são muito diferentes dos pensamentos de Deus.

A palavra “pensamento”, do hebraico מַחְשָׁבָה (mahšābāhâ), refere-se a “intuito”, “estratagema”, “planejamento”, “intenção”; a idéia básica da palavra é o “emprego da mente na atividade de pensar”. A ênfase não está na “compreensão”, mas na criação de novas idéias. Deus pensa de forma diferente e mais amplamente do que nós. Por isso a nossa dificuldade de compreender a disciplina e negatividade de Deus em relação aos nossos sonhos e projetos como sendo um gesto de amor. Ainda mais porque nós, ocidentais, interpretamos a disciplina sempre com uma conotação pejorativa e maléfica; bem diferente da interpretação que os judeus e os demais orientais fazem.

Já no tempo do Antigo Testamento, o povo hebreu possuía o conceito de que a disciplina que vem de Deus possui um cunho pedagógico. O verbo “disciplinar”, do hebraico יָסַר (yāsar), significa repreender, instruir; assim como o substantivo “disciplina”, do hebraico מוֹסָר (mûsar), denota a “correção que resulta em educação” (cf. Deuteronômio 11:2).

No Novo Testamento o verbo “disciplinar”, do grego παιδεύω (paideýo), denota primariamente “treinar crianças”, sugerindo ampla idéia de educação (cf. Atos 7:22; 22:3). Ele diz respeito a um treinamento gracioso e firme, sendo parte do treinamento corrigir com palavras, reprovando e admoestando (cf. 1 Timóteo 1:20; 2 Timóteo 2:25) ou “castigando” pela imposição de males ou calamidades (1 Coríntios 11:32; 2 Coríntios 6:9; Apocalipse 3:19). A raiz subjacente do verbo é παις (pais = “criança [entre 7e 14 anos de idade]”, “menino”); a terminação verbal εύω (eýo) denota um estado. Παιδεύω (paideýo) significa, portanto, “estar junto com uma criança”, “criar”, “instruir”, “educar”. O substantivo “disciplina”, do grego παιδεία (paideía), denota o “treinamento de uma criança, inclusive instrução”, sugerindo a disciplina cristã que regula o caráter (cf. 2 Timóteo 3:16). E ele também pode ser usado como sinônimo de “criação” e “instrução”.

Sendo assim, diante do que foi exposto acima, aprendamos a descansar em Deus e a confiar nEle, sabendo que os Seus planos foram, são e serão unicamente para o nosso bem. É o próprio Deus quem afirma em Sua Palavra: “*Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança.*” (Jeremias 29:11). E o apóstolo Paulo ratificou essa palavras ao escrever a Igreja em Roma o seguinte: “*E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.*” (Romanos 8:28).